

NOTA BIBLIOGRÁFICA

SAMPAIO, Fernando G. **Bento Gonçalves: mito e história** (sobre o herói ladrão farroupilha). Porto Alegre, Martins Livreiro Ed., 1984. 141p. 21 x 14,5 cm.

Wilson Sander*

O historiador alemão Helmut Diwald, no seu recente livro: "Coragem para a História", reafirma-nos a necessidade que as pessoas têm de possuir consciência histórica. Sem ela não é possível a tomada de decisões, nem de estabelecer negociações e, até não poderá existir a auto-afirmação política ou sócio-cultural. Neste sentido, deve a História ser constantemente reescrita e revisada. Cada época tem a obrigação de estabelecer uma nova relação com a História em função dos seus problemas e necessidades, sem a qual não existe chão para os nossos pés.

A História do Rio Grande do Sul não foi escrita em terras devolutas. Mesmo assim, a revisão histórica é uma necessidade, especialmente quando existem muitas falsificações. Ademais, desde Cícero, sabemos que o papel não enrubece, e, como tal, estes trabalhos revisionistas não podem ser obra do acaso nem podem ser feitos apressadamente.

O A. escreveu este livro preocupado com o de Tau Golin, "Bento Gonçalves, o herói ladrão", justificando o seu trabalho como "... um verdadeiro desafio, para buscar o maior esclarecimento possível em torno de Bento Gonçalves e da insurreição farroupilha" (p. 11). O livro está dividido em 22 temas, iniciando pela carta de Onofre Pires, que é comentada em detalhes no final,

para então tratar, entre outros assuntos, da moral, do contrabando, se a Revolução Farroupilha foi ou não uma revolução, do herói Artigas, enfim, após mais ou menos cem páginas, vem as esperadas conclusões. Estas referem-se mais à polêmica Artigas x Bento Gonçalves e menos Bento Gonçalves x outros farroupilhas, como, por exemplo, Domingos José de Almeida. Sobre o fato se existem ou não homens sem mácula, que é a questão que justifica o herói, esta não é tratada. Fica difícil, hoje, entender a polêmica em torno dos reis, generais, ditadores e presidentes. Mas no Brasil, a História Biográfica sempre esteve em moda. Este tipo de História tornou-se desinteressante. Certamente, o regime implantado em 1964 tem culpa da atual situação cultural (p. 127), mas com ele ou sem ele as novidades na crítica e na revisão são bastante modestas. No fundo, ainda continuamos fascinados por Pedro Álvares Cabral, Tiradentes, D. Pedro I, Rui Barbosa, Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Porém, temos dificuldade em entender por que estes personagens são diferentes aos olhos dos filhos de banqueiros, executivos, empresários, intelectuais, e que possam possuir um sentido bem diferente para os filhos de viajantes, escriturários, balconistas, barbeiros, lavadeiras ou metalúrgicos? Façamos de conta que não há resposta para este tipo de pergunta. Porém, sempre é lícito perguntar: — Que tipo de História é esta? — E, qual é o seu sentido? Se, como dizia Jacob Burckhardt, a "História é tudo aquilo que uma época se interessa pela anterior", então, é justo que se promova a revisão, mesmo que seja a da biografia de um indivíduo. Após a conclusão, segue uma longa bibliografia comentada pelo A.

Se Bento Gonçalves é ou não um herói isto fica absolutamente claro para o A. Mas que existem dúvidas isto lá é verdade, especialmente para aqueles que têm acompanhado os grossos volumes publicados pelo Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul desde 1978. Estes "anais" são publicados com a finalidade de divulgar a documentação que constitui a "coleção Alfredo Varela" e que se constitui, na sua maior parte, de documentos que envolvem o decênio farroupilha e que deixam transparecer os interesses que envolvem altos funcionários públicos, militares, comerciantes, estancieiros nos acontecimentos do dia-a-dia. Para o A. "nada há de ilegal, inescrupuloso ou fraudulento, portanto, nas

arreadas, ou como queiram se chamar estas apropriações de gado, feitas pelo capitão de guerrilhas e cidadão português Bento Gonçalves da Silva." (p.84) Acresce o fato de que tanto ontem como hoje ainda existem pessoas, que acreditam nos ensinamentos e mandamentos da Igreja, que condenam estas e outras atrocidades. Daí a dúvida.

O livro, entre outras, tem duas qualidades a seu favor. Primeiro, trata de um tema constante e controvertido na História do Rio Grande do Sul, o que torna a sua leitura estimulante. Segundo, pode ser lido por qualquer pessoa interessada no assunto, não exigindo esforço demasiado para entender a trama dos acontecimentos. O livro pode ser usado também nos cursos de graduação, pois instiga o leitor à reflexão e à pesquisa, levantando a velha polêmica da necessidade da História, porém, apontando para a impossível relação entre Lógica e História.

NOTAS

- * Professor do Departamento de História da PUCRS.